

Quando dois sócios políticos divergem

por José Casado
de São Paulo

"Nós somos sócios", costuma dizer o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e da Constituinte, todas as vezes que lhe perguntam sobre suas relações com o presidente da República, José Sarney. Na sexta-feira, porém, agiram como adversários.

O motivo central das divergências — que se podem acentuar nesta semana — foi a crítica produzida por Sarney, no seu programa radiofônico semanal "Conversa ao Pé do Rádio", sobre os rumos da Constituinte.

"Não podemos dizer que a Constituição tenha uma unidade", disse Sarney, "em alguns pontos ela foi muito mais voltada para o passado do que para o presente e, também, para o futuro. Em alguns casos, ela foi casuística."

Nos últimos dezoito meses, o presidente da República foi, gradualmente, transformando seu programa no rádio numa espécie de tribuna para criticar a Constituinte. Desta vez, porém, o deputado Ulysses Guimarães reagiu de imediato, com extrema ironia, citando uma velha frase do

falecido senador cearense Virgílio Tavora: "PT saudações, dizia Virgílio. Essas saudações eu mando para várias pessoas".

O presidente da República abriu espaço para alguns elogios — "o projeto contém avanços na área social, aumenta o elenco dos direitos fundamentais individuais, torna o Congresso mais forte, torna realidade um velho sonho da democracia brasileira".

Mas atacou a "série de artigos que distribuirão favores para alguns" e que, segundo a estimativa que se apresentou, custarão ao bolso dos contribuintes "mais de CZ\$ 1 trilhão". Só a anistia aos micro-empresários, disse Sarney, "representará um prejuízo de CZ\$ 377 bilhões, dos quais 80% dos bancos oficiais". Acrescentou: "É simpático anistiar devedores em dificuldades, mas o povo brasileiro sabe que quem paga a dívida é ele. É ele quem vai pagar a dívida de uns poucos. É muito fácil atirar com pólvora alheia".

O deputado Ulysses Guimarães não se conteve: "Esta Constituição estabelece condições de governabilidade que nenhuma Constituição anterior esta-

beleceu". E, em tom semelhante ao de Sarney, retrucou: "Se nós só tivéssemos feito a distribuição de renda e fôssemos para casa, já tínhamos feito um trabalho extraordinário para a qualidade de vida, para o bem-estar das populações que estão nos municípios, não estão aqui no Distrito Federal, muito menos estão no Palácio do Planalto, muito menos na sala do presidente, muito menos na mesa que era de Getúlio Vargas, onde está o presidente a resolver os problemas".

Dessa forma, os dois "sócios" na transição política para a democracia começam a semana em situação semelhante à que os separava três décadas atrás: a de adversários cordiais. Ulysses, nos quadros do antigo PSD. Sarney, na velha "bossa nova" da UDN.

O presidente nacional do PDS, senador Jarbas Passarinho, afirmou na sexta-feira, em São Paulo, que o presidente José Sarney estava decidido a renunciar, caso a Constituinte tivesse decidido pela redução do mandato presidencial de cinco para quatro anos.

(Ver página 7)